



Universidade Federal do Pará
Centro de Ciências Agrárias
Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar - NEAF
Programa de Pós-graduação em Agricultura Amazônica - MAFDS

Nº 006

Crise Ambiental e Cidadania Planetária

Flávio Bezerra Barros

2004

CRISE AMBIENTAL E CIDADANIA PLANETARIA

Flávio Bezerra Barros¹

RESUMO

A crise sócio ambiental que a comunidade da Terra enfrenta é o produto das relações que construímos (seres humanos) com a natureza. O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise reflexiva sobre as principais razões (históricas, epistemológicas e sociais) pelas quais estamos vivenciando essa crise. Pensar na construção de um ambiente complexo, que seja caracterizado pelo respeito às diversidades cultural e biológica, nesse sentido, é o grande desafio. E a ética da solidariedade, o sentir-se parte da natureza e a visão integrativa das coisas, são os principais fundamentos para o alcance da cidadania planetária.

¹ Docente pesquisador da UFPA/Campus Universitário de Altamira. Mestre em Zoologia pela UFPB. Laboratório Integrado de Biologia e Educação Ambiental (LIBEA) – UFPA: Rua Coronel José Porfírio, 2515, São Sebastião, Cep: 68372-040, Altamira, PA. E-mail: flaviobb@ufpa.br

ABSTRACT

ENVIRONMENTAL CRISIS AND PLANETARY CITIZENSHIP

The environmental crisis faced by the World's community is a product of the relationships we human beings have constructed with nature. The aim of the present study was to carry out a thoughtful analysis of the principal reasons – historical, epistemological and social – for the crisis we are facing. The major challenge is the construction of a complex environment based on respect for cultural and biological diversity. The ethic of solidarity, a sense of oneness with nature and an integral vision of things are the main factors for the achievement of planetary citizenship.

O que é o ambiente?

Podemos dizer que há diferentes formas de ver o ambiente (ou meio ambiente?). Para muitos, esse termo significa apenas um lugar para se viver. Outros consideram o ambiente como sendo a própria expressão da natureza, ou seja, os rios, os mares, as florestas, os animais, a Amazônia... E essa forma de pensar o ambiente está presente em muitos “ambientes”: nas escolas, nas universidades, nas associações de bairros, entre outros.

Estabeleceu-se, nos mais diversos segmentos da sociedade, a idéia de ambiente como sendo algo intimamente ligado aos aspectos físicos e biológicos da nossa casa: o Planeta Terra. De fato, esse é o modelo conceitual proposto pela Ecologia (Figura 1). Mas poderíamos pensar num ambiente de forma mais complexa, ou seja, algo mais do que uma relação entre os aspectos biofísicos da natureza. Nesse sentido, Leff (2001:17) afirma que o ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo. Sendo assim, como devemos pensar essa complexidade ambiental? Como olhar para o ambiente e enxergar outros aspectos, além dos físicos e biológicos?

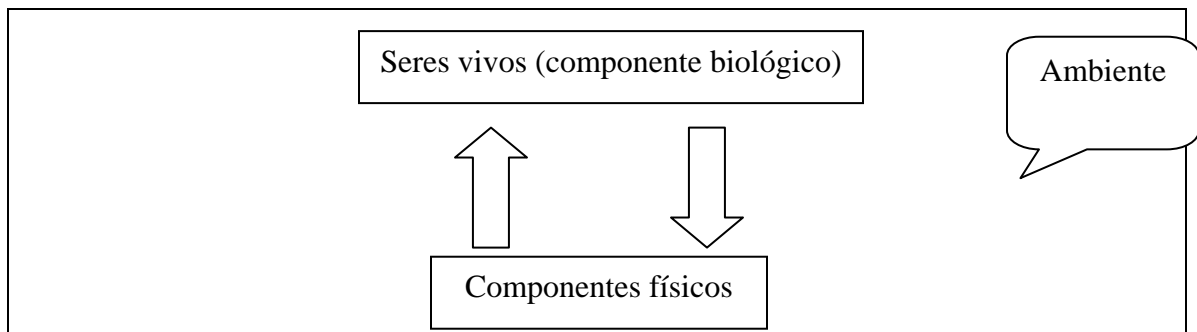


Figura 1: Representação esquemática do conceito de ambiente (ecossistema) na área de Ecologia (Ricklefs, 2001).

Nesse sentido, é necessário pensar em componentes reais que estão presentes no ambiente de forma complexa e integrada, ou seja, os aspectos biofísicos e as relações sócio-culturais (Figura 2). Essa forma integrada de ver o mundo corresponde à chamada visão holística (também conhecida como pensamento orgânico ou sistêmico).

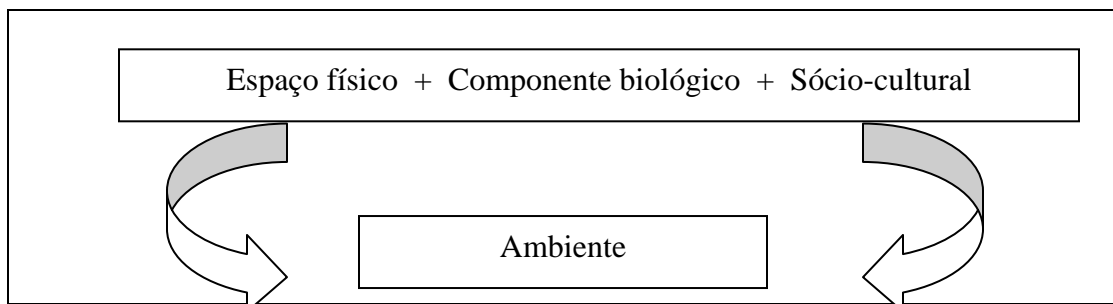


Figura 2: Representação conceitual do termo ambiente na perspectiva da abordagem integrada dos componentes biofísico e social (Adaptado de Santos e Sato, 2001:35).

A visão holística emergiu em meados do século XX e teve como seus primeiros proponentes os biólogos, ecólogos e físicos, que enfatizavam os organismos vivos como totalidades integradas (Capra, 1996:40). Desse modo, o pensamento sistêmico tem como palavras-chave a conexidade, as relações e o contexto (Capra, *op. cit.*), e surge como um novo paradigma científico na tentativa de eliminar o reducionismo (também conhecido como pensamento mecanicista ou atomístico). No pensamento reducionista, que consiste em fragmentar os sistemas complexos, o todo só seria compreendido a partir da análise separada de cada parte, e o mundo, por sua vez, era comparado a uma máquina.

Por que a comunidade da Terra está enfrentando uma crise ambiental?

Ao longo do tempo, nós, seres humanos, desenvolvemos diferentes formas de relacionamento com a natureza. Kluckhohn (1953:32, *apud*. Hutchison, 2000), por exemplo, defende a existência de três orientações distintas e contrastantes de relação entre seres humanos e o mundo natural, que foram construídas no desenrolar da história. A primeira orientação observa o ser humano como subjugado à natureza. Nessa abordagem, a natureza era vista como uma entidade do “mal”, algo onipotente, onde a humanidade era incapaz de entender seus fenômenos. O ambiente natural era tido como algo que não se podia explicar ou manejar. Essa orientação teve sua origem nas sociedades medievais, que consideravam a natureza como sendo perigosa.

A segunda abordagem trata o ser humano como sendo o dominador da natureza. Essa forma de relação teve suas raízes nas sociedades ocidentais, durante as Revoluções Científica e Industrial. Nessa concepção, o ser humano exerce uma posição superior em relação ao mundo natural. Aqui, a natureza é encarada como um recurso que está à nossa (dos seres humanos) disposição. Nesse caso, a natureza pode ser submetida às diversas formas de exploração, mas, visando um só objetivo: “o bem-estar da humanidade”. A Ciência, diante dessa abordagem, propõe “revelar os segredos da natureza”, com a finalidade de “domá-la” e “explorar seus recursos ainda não-descobertos” (Hutchison, 2000:32). Também a Bíblia, em seus escritos no livro das origens (Gênesis), aponta uma separação entre ser humano e natureza, quando relata: *...Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra...* Desse modo, homem e natureza são entidades distintas. E o homem foi criado para dominar a natureza, portanto, ela existe para servi-lo.

A terceira e última orientação observa seres humanos como sendo parte implícita da natureza. Aqui, homens, mulheres, crianças e idosos são apontados como membros que não podem estar dissociados do ambiente natural, ou seja, somos na verdade parte de um complexo único e interconectado com o cosmos. Vale salientar a idéia de “comunidade da Terra”, que é bem clara nessa abordagem, pois a espécie humana (*Homo sapiens sapiens*, ou seja, aquele que sabe duplamente) é vista como mais uma habitando esse imenso e dinâmico planeta, e qualquer agressão sofrida por esse último será refletida em toda a comunidade da Terra. Nessa perspectiva, a harmonia ambiental é a eterna busca.

"A harmonia ambiental supõe tolerância, respeito, igualdade social, cultural, de gênero e aceitação da biodiversidade" (Gutierrez e Prado, 2000).

Se por um lado, observamos a opção de seguirmos o caminho tecnozóico, que prega soluções para os problemas do mundo a partir da capacidade inventiva da ciência e da tecnologia, bem clara no relato a seguir:

Como cientista, não vejo barreiras para um belo futuro para a América e para a humanidade. Não importando as tendências atuais, muitos minerais eventualmente tornar-se-ão mais escassos e caros, mas podemos desenvolver substitutos para eles. As dificuldades de suprimento de alimentos e as dificuldades ambientais podem também aumentar, mas podem ser solucionadas. A única coisa que precisamos para lidar com esses problemas é um suprimento abundante e duradouro de energia barata, que está prontamente disponível em reatores nucleares. Dada uma política pública racional e estimulante, a ciência e a tecnologia podem não apenas bastar para o século XXI, mas para sempre (Bernard Cohen, *apud* Hutchison, 2000)

por outro, sonhamos (ambientalistas, ecólogos profundos, biólogos, educadores...) com um caminho denominado por Swimme e Berry (1992:33, *apud* Hutchison, 2000) de Ecozóico, caracterizado por um emergente reengajamento do ser humano com toda a comunidade da Terra, onde é valorizado o bem-estar de toda a comunidade biótica (todos os seres vivos).

A situação da Terra e dos seres vivos que nela se encontram é caótica. Em pleno início do século XXI pode-se observar os maiores avanços nas áreas da ciência e da tecnologia, no entanto, ainda enfrentam-se problemas graves nos campos social e ambiental (ou melhor, socioambiental). A fome, a falta de acesso à educação, escassez de água, destruição do meio ambiente, pobreza, aumento exponencial da população, extinção de espécies animais e vegetais, são apenas alguns exemplos.

Nunca, em toda história da humanidade, ouviu-se falar tanto em degradação ambiental. E dá até *status* ser defensor da natureza nos dias atuais, onde observamos um grande número

de pessoas e entidades se comprometendo com a luta em defesa do meio ambiente. Outros até cometem o erro quando dizem: “Vamos preservar a Ecologia!”, como se a ciência Ecologia (oikos=casa e logos=estudo) fosse a própria natureza. Desse modo, criou-se uma banalização da causa ambiental, ou, como afirma Grun (1996:15), uma “ecologização”, onde o meio ambiente deixou de ser assunto exclusivo dos amantes da natureza, mas, de toda sociedade civil. Então, por que estamos (a comunidade da Terra) enfrentando a maior crise ambiental de todos os tempos? Por que não conseguimos resolver nossos “impasses” ambientais na mesma velocidade que avançamos em nossas descobertas científicas e tecnológicas? Para que fazemos ciência? Para quem...

Nesse sentido, é crucial resgatar mais uma vez algumas questões de cunho filosófico para tentar explicar as razões pelas quais estamos vivendo essa real crise ambiental.

Será que a culpa de vivermos essa crise ambiental está no Cartesianismo de Descartes (1596-1650), que durante o desenvolvimento da Ciência nos ensinou a enxergar o todo de forma separada (fragmentada), sendo a natureza comparada a uma máquina? Sendo assim, seres humanos e natureza deveriam existir mesmo como entidades distintas...

Outros grandes pensadores compartilharam dessa abordagem, tais como, Galileu (1564-1642), Francis Bacon (1561-1626) e Isaac Newton (1642-1727). Também, podemos dizer que se perdeu, nesse período, a sensibilidade de olhar o mundo. A natureza de cores, tamanhos, sons, cheiros e toques, foi substituída por um mundo “sem qualidades” (Grun, 1996:27). A natureza também era comparada ao funcionamento de um relógio, e a humanidade, na época dessas transformações de idéia de natureza, ocorridas nos séculos XVI e XVII, passou a ocupar outro lugar no mundo. Aí, começou a prevalecer a idéia de natureza como objeto. Mas, houve nessa época, movimentos contrários ao cartesianismo, como por exemplo, o Movimento Romântico na arte, literatura e filosofia, no final do século XVIII e no século XIX (Capra, 1996:35). Nesse movimento, houve um retorno à visão organísmica de natureza, tendo como figura central Goethe, que admirava a “ordem móvel” (*bewegliche ordnung*) da natureza e concebia a forma como um padrão de relações dentro de um todo organizado (Capra, *op.cit.*). Essa era a principal idéia do pensamento sistêmico contemporâneo.

Diante dessa perspectiva, surgiu o novo paradigma científico, aquele que transformou a visão do mundo, partindo de uma concepção mecanicista, de Descartes e Newton, para uma visão holística/sistêmica. E a partir desse novo paradigma, devemos tentar resolver os problemas da Terra olhando para ela como um sistema vivo, único e complexo, para então podermos avançar nessa discussão (que envolve ação), pois enquanto pensarmos num ambiente não-complexo, em que nós, seres humanos, não estamos inclusos, não chegaremos a lugar nenhum.

Talvez seja impossível calcular os problemas de natureza socioambiental existentes no planeta e mais ainda, os danos irreversíveis causados. Mas sempre ouvimos, ou estamos

acostumados a dizer: a culpa é do homem, incorrendo em dois grandes erros. Primeiro, porque existe um machismo embutido nessa frase, parecendo que só os homens destroem a natureza. Segundo, porque há uma generalização, pois, será que todos os “homens” ou “mulheres” do planeta estão destruindo o ambiente? Ou há determinados grupos de seres humanos (populações) agindo de modo mais destrutivo que outros?

Nessa discussão, podemos citar, por exemplo, algumas populações humanas que se relacionam com o ambiente de forma harmônica, não cabendo de forma alguma a culpa de ser o homem o destruidor da natureza. Essas populações (de índios, pescadores, ribeirinhos...) entendem muito bem o que é aproveitar o recurso disponível de forma racional, sem nunca terem ouvido falar em desenvolvimento sustentável, termo criado por trás dos muros da Academia e utilizado por cientistas e intelectuais. Ainda assim, muitas vezes ignoramos o saber (o conhecimento) popular pelo fato de não ter sido produzido por cientistas renomados. Fazendo referência a esse tipo de preconceito, o geógrafo Carlos W. P. Gonçalves, em entrevista à Revista Senac & Educação Ambiental, citou a seguinte frase: Quando você entra numa floresta com um mateiro falando “nós vai pra ali” e “nós vai pra lá”, ele vai te levar no lugar certo, e você, cheio de concordância verbal, não vai chegar a lugar nenhum. E ainda, de forma pejorativa, denominamos essas populações de “tradicionais”, ignorando, muitas vezes, toda e qualquer forma de saber empírico existente. Outro aspecto relevante é que essas populações não destroem o ambiente, justamente porque conhecem os valores dos recursos naturais disponíveis, portanto, não podemos valorizar “riquezas” que não conhecemos. Esses povos olham para a natureza como sendo parte dela e não donos dela.

Nesse mundo contemporâneo, destruimos imensas florestas para construção de complexos turísticos, compramos animais silvestres para divertir nossas crianças, modificamos cursos de rios para adaptar algumas obras aos moldes exigidos... Realmente, quase sempre (ou sempre), a natureza está para nós e dificilmente nós estamos para ela!

...à medida que nossa transformação artificial da natureza avança, nossa presença junto a ela diminui. Vivemos em um mundo industrial devastado, feito de cabos, de rodas e de máquinas, de aço e de plástico, de terra coberta por asfalto e por mares poluídos. Nossos antepassados mais remotos viviam em meio às estrelas. Os afazeres humanos eram coordenados com o movimento do céu e com a seqüência das estações, com a aurora e com o crepúsculo, com o ir e vir dos animais em suas jornadas migratórias...(Berry, *apud*. Hutchison, 2000)

A cidadania planetária

Diante do novo paradigma vivido, o da visão sistêmica, torna-se possível o desenvolvimento de outras formas de sobrevivência em consonância com o ambiente complexo. Para isso, devemos construir uma forma de convivência humana em escala planetária, tanto no aspecto comunitário, como institucional. Também precisamos construir uma cultura de respeito às diversidades (cultural, religiosa, profissional, de gênero, de histórias de vida, etc) para poder encarar o outro como verdadeiro outro, pois o que existe de mais comum entre todos os seres (inclusive os humanos), é justamente a diferença. Essa postura passa pela compreensão do campo ético, mas precisamos considerar outros aspectos dentro da consciência planetária, como o espiritual, o existencial, o ecológico e o epistemológico. Enfim, precisamos (re) pensar nossas relações com a natureza, mas antes, necessitamos analisar nossas relações entre nós mesmos. Portanto, ser um cidadão planetário é valorizar as relações, os laços de comunhão entre grupos, instituições e outras organizações, além de apreciar o permanente processo de aprendizagem e transformação. Como descrevem Gutiérrez & Prado (2000:47), devemos banir a ordem preestabelecida, linear, seqüencial e essencialmente hierárquica das coisas para dar lugar a outra ordem, que é flexível, progressiva, complexa, coordenada, interdependente, solidária e auto-regulada. Sendo assim, a cidadania planetária se caracteriza por esse todo integrado.

O Planeta Terra é um sistema organizado e complexo, e não existiria sem os seus elementos essenciais (água, luz, ar, plantas e animais), portanto, o cidadão planetário pensa de forma planetária e integrada, e está preocupado com a Terra, porque ele faz parte dela.

A pessoa planetária, segundo Vío Grossi (1994:41, *apud* Gutiérrez e Prado, 2000), vive em contato e comunhão com a natureza, sentindo-se parte dela e não dono; vive a vida como processo e está afastada de concepções rígidas e estáticas de vida; preocupa-se e suspeita do poder, da hierarquia e de sua utilização para dominar os demais; procura unir elementos que geralmente caminham de forma separada, como homem e mulher, ciência e senso comum, razão e sentimento, mente e corpo, sensatez e loucura, etc.; está interessada nas perguntas e não aceita as respostas, desse modo, busca o lado oculto da vida, o não dito, o não proposto, a história não contada; os bens materiais, que representam *status* social, são menos dominantes; não é dogmática e há uma abertura para o novo; tenta ser solidária na medida do possível; desconfia da burocracia e apresenta autoconfiança no valor de sua própria experiência.

Na sociedade planetária deve-se viver a vida como processo, como fluxo permanente de energia, de situações, de um transcorrer relativamente imprevisível. (Gutiérrez e Cruz Prado, (2000)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Dra. Cristina Arzabe, pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/Meio Norte (Embrapa/MN), Teresina, PI, pelas importantes sugestões dadas ao manuscrito, e ao Prof. Dr. Stephen Francis Ferrari, do Departamento de Genética da UFPA, pela elaboração do resumo no idioma inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, F. **A Teia da Vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo, Editora Cultrix, 1996.
- GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária**. Campinas (SP), Papirus Editora. 1996.
- GUTIÉRREZ, F. & PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 2^a edição. Instituto Paulo Freire (Guia da Escola Cidadã, V. 3), São Paulo, Cortez Editora. 2000.
- HUTCHISON, D. **Educação Ecológica: Idéias sobre consciência ambiental**. Porto Alegre, Artmed Editora. 2000.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo, Cortez Editora. 2001.
- RICKLEFS, R. E. **A Economia da Natureza**. 5^a Edição. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan. 2001.
- SANTOS, J. E. dos & SATO, M. Universidade e Ambientalismo – Encontros não são despedidas. **In: SANTOS, J. E. dos & SATO, M (Orgs.). A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora**. São Carlos (SP), Rima Editora. 2001.